



BACHARELADO EM TEOLOGIA

A Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, instituição de ensino superior da Arquidiocese de São Paulo, oferece um curso de Graduação em Teologia, em quatro anos, concluindo com o Bacharelado.

O curso funciona em prédio próprio à Av. Nazaré, 993 - Ipiranga, São Paulo e as aulas são ministradas de segunda a sexta-feira, das 8:00 as 11:20h

Para ingressar no programa de Bacharelado o aluno deverá ter feito curso filosófico de pelo menos dois anos e ser apresentado pelo Bispo ou Superior Religioso.

Esse curso se destina, especialmente, à formação presbiteral e está aberto às Dioceses, Ordens e Congregações religiosas de todo o Brasil.

As matrículas para o próximo ano deverão ser feitas no mês de janeiro.

As aulas terão início no mês de fevereiro

Outras informações: Av. Nazaré, 993
04263-100 - São Paulo - SP
Fone 274-8600
Fax 272-7630

MARIA MULHER ÍCONE DO MISTÉRIO TRINITÁRIO

Irmã Maria Freire, ICM

INTRODUÇÃO

Diante de todo um contexto histórico, percebemos que o tema mariológico - Maria e a Trindade Santa -, isto é, a relação da Virgem com as Pessoas Divinas é tema clássico antiquíssimo "inserido na teologia sistemática qual uma espécie de corolário da tese sobre a divina maternidade de Maria"¹. Atualmente, frente às novas perspectivas, ele é fundamental como ponto estruturador de toda Mariologia de modo fortemente original. Portanto, falar de Maria é situá-la no contexto trinitário, é resgatar seu relacionamento com as pessoas divinas.

Indubitavelmente, para uma compreensão da figura de Maria como Mulher Ícone do Mistério trinitário, é necessário conscientizar-se de que a Trindade é Mistério dos Mistérios cristãos sob diversos pontos de vista².

Num primeiro momento, quando nos debruçamos sobre as raízes bíblicas, percebemos que o Deus vivo e operante do AT, o único e verdadeiro Senhor de Israel, se manifesta como Pai e Filho e Espírito Santo na economia do Novo

Testamento. Do mesmo modo, num segundo momento, é possível perceber o mistério trinitário sob o ponto de vista da importância dogmática nas primeiras deliberações conciliares (Nicéia-325 e Constantinopla-381), como também através das primeiras estruturas teológicas, por exemplo o Credo Apostólico e Niceno-constantinopolitano, o mesmo que nas primeiras fórmulas Kerygmáticas e litúrgicas.

Por sua inacessibilidade e pura razão, esta com efeito pode chegar ao conceito de um Deus interiormente vivente, porém não pode, de modo algum, descobrir a vida trinitária das três pessoas, tal como é apresentada pela fé cristã.

Sem dúvida, a Trindade é fundamento e centro de todos os mistérios, sobretudo do mistério principal da economia da Salvação, a encarnação do Verbo³. Portanto, é dentro do contexto encarnatório do Verbo que situamos a pessoa de Maria. Estamos conscientes de que o testemunho bíblico, pela sua diversidade, revela desde os inícios a inter-relacionalidade entre o mistério

1 cf. Dicionário de Mariologia. Paulus. São Paulo. 1995. P. 1242.

2 Idem, P. 1242.

3 Nuevo Dicciónario de Mariologia. Edicion Paulinas. Madri. 1988. P. 1892.

da Mãe e a totalidade do mistério do Filho, o que nos permite afirmar uma inter-relação entre Mariologia e Cristologia⁴.

Com certeza, o discurso de fé sobre a Mãe do Senhor tem como fundamento, conteúdo e norma o que a palavra de Deus diz em torno dela: colocar-se à escuta da palavra de Javé é condição necessária, primordial de toda Mariologia possível, tanto em sua forma argumentativo-narrativa, quanto em sua forma simbólica. Quanto maior o esforço para acolher a revelação, mais rigoroso e objetivo será o falar de Maria e mais sólido para os que nela acreditam⁵. Portanto, a Mariologia reconhece na palavra de Deus o espaço original e normativo do advento ao qual se refere e se submete toda e qualquer palavra: percorrer a história de Maria é percorrer a história da fé e nesta encontramos conexão com a vida do Senhor, do Filho de Deus.

O que é dito a respeito de Maria, é marcado e filtrado pela experiência Pascal dos primeiros testemunhos de fé. Contudo, o destino da vida da mulher Maria está marcado, eternamente, pela maternidade para com Jesus Cristo, o Verbo encarnado.

E é neste momento encarnatório de Deus que o espaço da mulher Maria acolhe a ação trinitária na economia salvífica. Pela encarnação,

Maria torna-se uma espécie de Ícone vivo da misteriosa e inesgotável graça da Trindade.

1. MARIA NA PLENITUDE DO TEMPO ÍCONE DO MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO DE DEUS

Quando nos debruçamos sobre o texto da Carta dos Gálatas, percebemos sua profundidade ao dizer: "Quando chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho nascido de uma mulher, nascido sob a lei; para reunir os que estavam sob a lei a fim de que recebêssemos a adoção filial" (Gal 4,4-5), o que significa: quando chegou o momento fixado pelo Pai por sua infinita bondade e misericórdia, por seu amor fiel, veio ele ao encontro de seu povo, para o libertar da escravidão da lei, tornando-os filhos no Filho.

É a hora da ação salvadora de Deus-Pai, Princípio eterno de vida e vida plena do Filho amado num plasmar do corpo de Maria pela presença consoladora do Espírito.

Embora Paulo mencione a Mãe de Jesus de maneira indireta, acidental, situa essa mulher bendita na etapa definitiva da história salvífica, revelando assim a união Mariológica e Cristológica.

Sem dúvida, não queremos afirmar que Paulo pretendia, ao traçar a estrutura teológica fundamental do cristianismo (Gal 4,4-7), definir uma Mariologia; contudo, deixou-nos o princípio de toda mariologia, mesmo sem ter a pretensão.

- *Deus enviou seu Filho*: Esta frase afirma a iniciativa salvadora de Deus-Pai e a Missão do Filho Jesus-Jesus é por excelência o enviado do Pai. Aquele que vem cumprir a vontade do Pai.

- *Nascido de uma mulher*: O primeiro ato de sua missão libertadora é tornar-se Filho de uma mulher, nascer como homem, assumir a condição humana no seio materno, no Corpo de Maria. Todavia, é mister pincelar para um esclarecimento das divergências existentes entre exegetas com relação à tradução exata dessa passagem. Poderia ser: *nascido de uma mulher* (em hebraico: Yeûd ishah) e, em grego (gennetos... gynaikos), o que significaria apenas um ser humano frágil, pequeno, imperfeito, feito da mulher (genómenos... ék gynaikos) e, assim, estaria a indicar que seu nascimento de Maria não foi um começo absoluto, mas uma passagem, um vir-a-ser novo; ele se tornou homem.

- *Nascido na dependência da lei*: Trata-se da lei mosaica, sob cujo domínio se encontravam os judeus

(Gal 3,25; 4; 21; 5, 18; Rm 6,14). Jesus está contextualizado na história do povo judeu. Sua Mãe é uma judia. Portanto, mergulhado nessa história, conhecendo-a, Ele a faz explodir a partir de dentro.

- *Afim de redimir os que estavam sujeitos à lei*: Esta é a libertação cristã, que atingirá seu Clímax na morte e Ressurreição de Jesus Cristo⁶.

- *Para que recebêssemos a condição de filhos adotivos*. Aqui percebemos que o horizonte se abre para a finalidade suprema da missão do Filho de Deus. Jesus veio para nos dar a adoção filial (judeus e gentios); todos recebem o dom da promessa⁷. Portanto, chegando à plenitude do tempo, Deus cumpre a sua promessa e faz de Maria espaço de sua graça. Maria é cumprimentada pelo mensageiro divino que a saúda com a frase: "Alegra-te cheia de graça" (*Kecharitomene*) na graça (χαρις), encontra-se a identidade mais profunda de Maria. Afirmar, neste contexto, que Maria é a *Kecharitomene* (o que significa em grego a amada, a agraciada), quer dizer que ela encontrou favor junto de Deus, foi agradável a Ele, tornou-se fascinante, bela aos olhos do Senhor.

A beleza fascinante de Maria tem sua razão de ser na presença capaz de fascinar (Βασχαι'νω) do próprio

4 Bruno, FORTE. *Maria mulher ícone do Mistério*. Ed. Paulinas. São Paulo. 1991. P. 43.

5 Ibidem, p. 41.

6 Aleixo, M. AUTRAN. *Maria na Bíblia*. Ave Maria. São Paulo. 1992. PP. 21-22.

7 Ibidem, p. 22.

Deus-Trindade que “se debruça” e “se baixa” em sua direção, na irrupção do seu amor e de sua fidelidade numa Aliança eterna, expressa na afirmação angélica: “O Senhor está contigo” (Lc 1, 1ss). Esta frase projeta uma luz especial sobre a pessoa de Maria. O Senhor está com ela. Basta acolher, dizer SIM e a sombra do Altíssimo a cobrirá. Cedendo ao caráter sedutor do Senhor, a jovem Maria de Nazaré colabora no novo rumo da história, em sintonia com o antigo Israel: “Escuta, Israel, o Senhor teu Deus é o único Senhor” (Dt 6,4) Maria é a mulher que, escutando a voz de seu Deus, acolhe sua graça salvadora no transcorrer da História, desde o AT, por isso, a graça derramada sobre Maria tem dimensão e função histórica e comunitária. É a graça dentro da história como momento especial no caminho que provém de Israel e vai fazendo Igreja, onde Maria ocupa lugar privilegiado, o que nunca mais se repetirá porque foi cumprido para sempre.

O testemunho Lucano nos mostra Maria como *Kecharitomene* (a amada, a cheia de graça), aquela que experimenta, em suas entranhas, o dinamismo do Espírito⁸.

No “faça-se” de Maria (Lc 1,38), brilha o esplendor da Trindade progressivamente. O Filho vem em

nome do Pai para fazê-lo conhecido e cumprir sua vontade. O Espírito, a ruah de Deus do AT que pousou sobre a criação primeira (Gn 1,1ss), plasma a pessoa de Maria em nome do Filho rendendo-lhe testemunho, tornando o momento teofânico. A descida do Espírito sobre Maria faz dela a “*Theotokos*”, a Mãe de Deus⁹. É possível afirmar que na encarnação Maria é *pericoretizada* pelas pessoas divinas.

O evangelista Lucas, ao colocar Maria em tão íntimo relacionamento com o Espírito Santo, mostra que a experiência por ela feita a revela como o lugar privilegiado da manifestação da força criadora do Deus-Trindade.

Na encarnação, a mulher Maria se converte em receptora por excelência do Espírito e, conseqüentemente, em Mãe do Messias, e, portanto, Ícone do mistério trinitário de Deus. Aceitando o convite a parceria com o Pai, Maria torna-se parceira de Deus no plano salvífico. Parceira aqui assume o sentido mais profundo do termo grego: (ΕΤΑΙΡΟΣ, Ου) o qual significa: amiga(o), companheira(o), partidária(o), do mesmo partido. O que atribuído quer dizer neste contexto, Maria é Companheira da Trindade, aquela que assume o mesmo

projeto, situando-se no ápice do papel para o qual foi convocada. Sua resposta é um ato de fé e ao mesmo tempo sintetiza a fé do povo Israel. “Maria é o sinal e as primícias daquelas núpcias entre Deus e seu povo, que os profetas tinham preanunciado dizendo: *Acontecerá naquele dia... Então te desposarei para sempre... Eu te desposarei com fidelidade*” (Os 2, 21ss). O ato de fé de Maria é o anel nupcial destas núpcias e a resposta do Deus-comunhão é a fidelidade coroando a Aliança¹⁰.

2. MARIA: MULHER FILHA DE SIÃO ÍCONE DO DEUS DE ISRAEL

Sem dúvida, Lucas evidencia que o centro de interesse fundamental que o domina é Israel. Os personagens particulares não adquirem nenhum relevo individual. Todos seus personagens manifestam a fé de Israel, sua esperança. Seus cantos são cânticos de ações de graças de Israel. Com relação à figura de Maria, ela não é um caso a parté pois é a mais alta personificação do povo de Israel¹¹.

É assim, que na narrativa da visita de Maria a Isabel, Lucas a identifica: “a narração parece modelada sobre a do transporte da Arca da Aliança para Jerusalém, narrado em 2 Sm 6, 2-16. O contexto geográfico é o mesmo: a região de Judá (Sm 6,1-2 e Lc 1,39). Nos dois episódios aparecem manifestações de alegria: “*Davi dançava diante do Senhor*” (v.5); *transportou a Arca com alegria* (v.12); “*dançava ... saltando e dançando* (vv. 14;16); “*o menino, no seio de Isabel, estremeceu de alegria* (vv. 41 e 44); a alegria se traduz em aclamações que têm sabor litúrgico: *Isabel ficou repleta do Espírito Santo e com grande grito exclamou: “Donde me vem que a Mãe do meu Senhor me visite?”* (Lc 1,43). Esse versículo lembra Davi que, tomado de temor religioso, exclamou diante da Arca: “*Como virá a Arca de Iahweh para ficar em minha casa?*”¹².

Sem dúvida, há uma evidente ligação teológica entre o encontro de Maria e Isabel e o contexto de Davi com a arca da antiga aliança. Maria

10 Não é possível falar da pessoa de Maria sem situá-la dentro do contexto de Aliança do povo Israel. Santuário. Aparecida. São Paulo. 1992. (Raniero, CANTALAMESSA. *Maria um espelho para a Igreja*. P. 37).

11 Stefano, FLORES. *Maria em la teologia contemporânea*. Ed. Verd e Imagen. Salamanca. Espanha. 1991. PP. 50-51.

12 A presença da Arca na casa de Obed-Edom de Gat foi motivo de bênção (cf. 2Sm 6,11-12) como a de Maria na casa de Isabel (cf. Bruno, FORTE. In *Maria a mulher ícone do mistério*. Cf. ob. cit. p. 71

8 Xabier, PIKAZA. A Madre de Jesús, introduccion a la Mariologia. Edicione Síguene. Salamanca. 1990. PP. 49-51.

9 Paul, EUDOKIMOU. *O Espírito Santo na tradição ortodoxa*. Ave Maria. São Paulo. 1996. PP. 83-85.

é na nova economia a arca da nova e eterna Aliança. O que podemos afirmar que no novo pacto (ἡ Καινή διαθήκη) Maria é ícone no sentido verdadeiro do termo grego: (εἰχών, οἶνος). Na sua visita à Isabel é reconhecida como a Mãe do Senhor, aquela que é imagem, retrato do povo Israel, dos “Anawins”, imagem e semelhança de Deus, aquela que tem o espaço ocupado pela nova Aliança: Maria é reconhecida como instrumento através do qual se cumprem as promessas de Iahweh, e por isso a afirmação de Isabel é a admiração do resto de “Iahweh”. “Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido” (Lc 1,45).

Maria retrata esta realidade que se cumpre na plenitude do tempo. Ela é a Arca da Nova Aliança itinerante, visitando seu povo, mostrando que “Iahweh” o Deus de Israel é peregrino e no êxodo da vida intratrinitário é, na nova economia, na pessoa de Jesus o eternamente caminheiro. Ele visita a casa de seu povo revelando o amor de suas entranhas: no ventre de uma mulher encarna-se o Filho de Deus, aquele em quem é colocada toda afeição divina (Mt 3,17).

Maria, a Virgem de Nazaré, a filha de Sião revela em seu ser a acolhida “como ícone concreto do feminino

que toda mulher pode realizar em si mesma e que todo homem é chamado a respeitar e receber como elemento de profunda reciprocidade de sua existência; é esse ser em profundidade, esse espaço isento de toda exterioridade e aparência... capaz de hospedar dentro de si o todo do mistério”¹³.

Dizer que Maria vive em sua interioridade esta dinamicidade da presença do Deus-comunhão é afirmar que Maria está *pericoretizada* pelas relações das pessoas divinas em sua pericórese eterna. Afirmar que seu espaço está isento da exterioridade e da aparência, é evidenciar que as maravilhas nela realizadas não correspondem à posse do masculino com relação à mulher; não concede ao homem a condição de dono da mulher. É o Deus-Comunhão que envolve, fascinando-a, dando-lhe o direito de decisão, resgatando assim, a dignidade de um povo, onde mulheres e homens se tornam ícones da Trindade.

A identificação de Maria com o povo eleito prepara a história da salvação que se apresenta como uma concentração progressiva das opções divinas: da coletividade se passa a um resto dos pobres de “Iahweh”, para chegar à pessoa de Maria, a “última” eleição de Deus... o ápice

das promessas, conforme contemplamos acima. Lucas, recorrendo ao oráculo do profeta Sofonias, nos coloca nesse contexto: “*Rejúbila, filha de Sião, solta gritos de alegria, Israel!*” (Sof 3,14-17), substituindo por Maria a filha de Sião. Com este midrash alusivo ao evangelista, Maria é a nova filha de Sião que faz a experiência da chegada do Messias.

Outro ponto importante onde Maria reconhece que Deus, o qual ela experimenta, e que se revela comunitariamente. (um Deus-Comunhão) é o Magníficat. Nele, Maria afirma que o Deus que está com ela é o Deus dos Pais: de Abraão, de Isac, de Jacó, e de sua descendência para sempre. Aqui se passa da ação de graças de Maria, de sua pobreza, à de Israel. O Júbilo da mulher Maria é o júbilo de Israel, é a alegria dos “*anawins*” na experiência salvadora conforme nos afirma o profeta Hab: “*Eu porém, me alegrarei em “Iahweh” exultarei no Deus de minha salvação*” (3,16-18).

Sintetizando a fé do seu povo-Israel, Maria canta as maravilhas de um Deus que cumpre o que diz, que é digno de fé de confiança, leal, honrado, no verdadeiro sentido do termo grego (πιστος, ην) é o Deus fiel, persuasivo (πιστιχος) que garante fidelidade (πιστοτης, η, ον) e ao mesmo tempo, conduz à fidelida-

de (πιστω). Aqui, podemos nos interrogar: onde e em quem Deus é correspondido em sua fidelidade senão através do “Faça-se” da mulher Maria, em sua experiência de discernimento e mergulho na revelação trinitária e, posteriormente, na missão salvadora e obediente (πιδυνος, ον) do Filho-Jesus de Nazaré?

Portanto, no Magníficat, Maria preanuncia a missão salvífica do Filho de Deus que se encarna na história, que cumpre sua promessa, que é o Deus dos Pais; o Deus revelado no AT como o Todo Poderoso, o criador do universo celebrado em Israel; na plenitude do tempo, revela a inesgotabilidade do seu mistério. Eis o que Israel não conhecia e que é revelado na nova economia. Deus tem um Filho, Verbo encarnado na “dinâmica recriadora do Espírito Santo. Herdando a plenitude da vida, o Filho humanizado de Deus se assenhora do destino salvífico de toda criação, podendo doravante intervir em todas as realidades e situações históricas pela mediação grandiosa do Espírito”¹⁴.

Novamente nos questionamos a respeito desse mistério dinâmico da Trindade na História. E a pergunta soa em nossos lábios: Quem experimentou por primeiro e por inteiro, essa irrupção trinitária de Deus? Quem, senão a jovem mulher Maria;

13 Ibidem, P. 81 - (.) significa ícone, imagem, retrato quadro, semelhança (cf. Dicionário grego. Livraria Apóstola da Imprensa. 1990. P. 168.).

14 Luis, E. S. NOGUEIRA. *O Espírito e o Verbo, as duas mãos do Pai*. Ed. Paulinas. São Paulo. 1995. P. 72.

a qual dispõe de todo seu corpo e sua centralidade, mediação de salvação, tornando-se ícone do mistério do Deus Uno e Trino?

Se o Espírito Santo é a mediação grandiosa através do qual Deus realiza a encarnação do seu Filho, Maria é a mediação humana, dinamizada pela força divina, espaço acolhedor da iniciativa do eterno que se oferece no limite do humano no início de uma vida sem fim, para finalizar tudo aquilo que contraria o infinito da vida.

É certo que Maria não conheceu uma doutrina trinitária de Deus; essa é uma reflexão posterior na tradição da Igreja, como o sabemos. Porém, Maria foi a mulher que fez uma experiência livre e ativa, representando o valor supremo da pessoa, em si confirmando-se como pessoa, isto é, como ser que, desde os primórdios, Deus quis para si e para mediação de sua revelação. O sim exultante de Maria irrompe na manhã primaveril onde a Trindade se revela, plasmando o corpo da mulher, numa síntese da Antiga e Nova Criação, conduzindo Maria a uma interiorização da vida plena para reparti-la remetendo-nos à totalidade do ministério Trinitário¹⁵. Esta reflexão resgata a frase de Santo Agostinho ao falar do mistério da encarnação a um pagão de nome Velusiano: "Porque hesitar

em reconhecer Deus nos limites de uma criancinha?... Concedamos a Deus o poder fazer algo que nós próprios somos incapazes de compreender"¹⁶. Fazendo nossas as palavras de Santo Agostinho, podemos perguntar: porque hesitar em reconhecer na encarnação a revelação trinitária de Deus, porque não afirmar que no ato encarnatório de Deus, Maria faz a experiência do Deus Uno e Trino? Portanto, o "mistério de Deus como Trindade, como socialidade final e perfeita, encarna as qualidades de mutualidade, de reciprocidade, de cooperação de unidade, de paz na diversidade genuína que constituem os ideais e objetivos"¹⁷ da mulher Maria que, compartilhando desse mistério trinitário de Deus, experimenta de forma afetiva e efetiva um relacionamento amoroso, uma verdadeira veneração e adoração (δεβαιος, εως) ao venerável e augusto mistério (Σεβασμιος, α Ον (δεβω).

Dessa forma, o canto jubiloso de Maria é o resultado da sua experiência da graça plenificante da Trindade, que na sua majestade (Σεμνοτης, ητος) impulsiona essa jovem a celebrar, a honrar (Σεμνυνω) (δεβω) (δεμνω, ε σεμνω) magnificamente o esplêndido evento, ou seja, Deus acontecendo na história dos pobres.

O Magnificat é a expressão de um processo de encantamento, de sedução(Φιλτρον ου, φιλος) vivido na esperança e na busca de um povo peregrino na luta por justiça e verdade, tendo Deus como parceiro que eleva os humildes e derruba os poderosos dos tronos. (Lc 1,52).

Concluindo, é possível dizer que o júbilo de Maria, sintetizado no magnificat, expressa a liberdade da mulher nove e do homem novo libertos de toda idolatria, do peso da lei e da morte. Cobertos pelo Espírito contam um novo amanhecer na história em profunda interioridade, num processo de crescente humanização, abrindo-se simultaneamente ao compromisso com a nova e definitiva aliança. E o destino autêntico da liberdade é a vida em comunhão derivada da Koinonia (Κοινωνια) da Trindade. "À imagem do Deus trinitário, o Espírito modela a unipluralidade humana"¹⁸ para conduzir a uma inter-comunhão.

A humanidade nascida do Espírito é formada, precisamente para a unidade, para formar uma Comunidade de servidores da nova Aliança instaurada na festa que preanuncia a hora derradeira no sabor do vinho novo.

3. MARIA MULHER ÍCONE DO VINHO NOVO

Na consciência de que "o NT quer mostrar que com Maria e com Jesus inicia um novo tempo para a história da humanidade"¹⁹, queremos conduzir uma reflexão, mostrando de que forma Maria pode ser Ícone do mistério trinitário de Deus a partir do sinal e da hora em Caná (Jo 2,1-12).

Muitas polêmicas de ordem exegéticas permeiam este texto. Contudo, nossa intenção se detém na simbologia que Maria representa.

Situando a presença de Maria no banquete nupcial de Caná, onde se fazem presente Jesus e seus discípulos, vemos que o espaço geográfico do evento é significativo. Estamos em Caná da Galiléia, de onde jamais poderia "surgir um profeta" (Jo 7,52). Todavia, João situa a primeira manifestação do profeta por excelência, Jesus de Nazaré, neste humilde local, contrariando as expectativas dos fariseus e outros poderosos de sua época²⁰.

Outro ponto polêmico é o tempo no qual o evangelista situa a perícopie. Aqui está pleno de significado: "no terceiro dia houve um casamento em Caná da Galiléia... Tal precisão, aparentemente cronológi-

15 Bruno, FORTE, o p cit. P. 189.

16 Santo, AGOSTINHO. *A Virgem Maria*. Paulus. São Paulo. PP. 131-132.

17 Elizabeth, A, JOHNSON. *Aquela que é*. Vozes. Petrópolis. 1996. P. 318.

18 Luis, E, S, NOGUEIRA. Op cit. P. 147.

19 Maria, C, BINGEMER, Ivone, GEBARA, I, *Maria Mãe de Deus e Mãe dos Pobres*. Vozes. Petrópolis. 1988. P. 58.

20 Idem, P. 93.

ca, remete o leitor do Evangelho a um - *Kairós* - a um novo tempo onde a eternidade do mistério comunitário de Deus permeia a história humana. O Terceiro dia mencionado resgata o episódio do Sinai no livro do Êxodo e também da Ressurreição.

A Revelação da glória de Javé ao povo que a esperava e que acontecia no Sinai sob a liderança de Moisés, concretizada na entrega da lei, acontece ao "terceiro dia" (Ex 19,9.11) O terceiro dia é também o tempo em que Jesus revelou sua glória e seus discípulos creram nele (Jo 2,19-21)²¹.

O acontecimento de Caná vem retomar o grande evento do Sinai, agora iluminado pela Encarnação do próprio Deus feito nova lei no tempo e na história humana.

Prefigurando a era pascal manifestada plenamente na Ressurreição, o Sinal realizado em Caná acontece no contexto de um banquete nupcial, onde é celebrada a aliança de Deus com a humanidade, iniciada no Sinai e de forma definitiva confirmada na Páscoa. A água dos antigos ritos de purificação judaicos cede lugar ao vinho novo, melhor e mais abundan-

te (v.10) sinal do povo novo que acolhe a nova lei para viver a nova dinâmica da vida. Não mais a lei de Moisés e, sim, a lei do Espírito²².

No contexto dessa festa encontramos Maria onde, novamente, ela é figura do povo. É ela o povo fiel visualizando a concretização das promessas messiânicas. Ao constatar a falta de vinho, afirma para seu Filho: "*Eles não têm mais vinho*" (v.3) expressando o desejo de liberdade do próprio povo que já não se sente saciado com as antigas instituições mosaicas. Maria é a figura do povo que age, acredita na intervenção de Deus na história²³.

A resposta de Jesus: "*Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou*", aparentemente grosseira, é ao contrário, "a pergunta aberta que a Antiga Aliança dirige à nova. Essa interpretação permite compreender melhor a resposta aparentemente terminante de Jesus. É um modo de falar que indica divergência entre o vinho cuja falta Maria assinala e o "Vinho Novo" que será oferecido na hora de Jesus. O destaque dado a Maria e à novidade surpreendente que Cristo traz e que

manifestará plenamente na sua hora, está vinculado ao acontecimento pascal da paixão, morte e ressurreição (Jo 7,30; 8,20). É na hora de Cristo que o tempo messiânico se manifestará como cumprimento das promessas e como promessa do novo e definitivo cumprimento. A resposta de Jesus à Mãe é um convite a passar do plano da antiga economia para a nova, oferecida no mistério de Cristo. Aqui Maria experimenta uma nova realidade. Nela o pacto antigo passa para o novo, Israel passa para a Igreja-Comunidade de servidores: "*Fazei tudo o que Ele vos disser*" (v.5). As palavras de Maria resgatam a experiência do pacto antigo onde o povo responde à revelação divina do Sinai: "*Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos*" (Ex 19;8;24;3.7).

É como o sinal de Caná é o arquetipo dos sinais e antecipa a experiência do Cristo pascal, vivida a partir do "terceiro dia", pode-se afirmar que na perspectiva joanina, Maria é, na Igreja nascida com a Páscoa, aquela que está em sintonia com a hora do Filho. Se na densidade do símbolo, Jesus é o verdadeiro noivo do novo povo de Deus, aquele que oferece o melhor vinho por último, Maria simboliza a noiva do novo pacto, testemunho e modelo da nova comunidade messiânica²⁴.

Indubitavelmente, sem deixar de ser a mulher concreta que é, Maria reflete a universalidade do Filho em sua natureza feminina. Nela se oferece o duplo movimento que todo ícone tende a transmitir: o de descida e o de subida, a antropologia de Deus e a teologia humana. Nela respalda a eleição do Amante, do Eterno que fascina, que atrai²⁵.

No banquete nupcial de Caná da Galiléia, Maria é o ícone pleno da novidade do vinho novo. A mesma mulher que estremeceu diante da saudação do anjo firma-se perante a realização do sinal que antecipa o momento Pascal.

Em Caná, Maria se apresenta como ícone do mistério trinitário pelo fato de que em sintonia com a hora do Filho, vislumbra o término da antiga Aliança e a irrupção da nova economia, dinamizada pela nova lei. Estando em sintonia com a "hora" do Filho Maria, está inter-relacionada com o Espírito da nova Aliança. E aqui nos vem a interrogação: que Espírito é esse o da nova Aliança, senão o mesmo que plasmou a criação primeira e pousou sobre Maria no ato encarnatório de Deus? No momento da Encarnação, Maria é plasmada pela sombra do Altíssimo para trazer o Filho de Deus à história humana. No banquete de Caná,

21 Temos que considerar que no Evangelho joanino as palavras assumem duplo significado, contendo no simbolismo a esplêndida verdade da Revelação. (cf. Ibidem. P. 94).

22 Ibidem. P. 94.

23 Idem, P. 94. O episódio de Caná tem significado evidentemente messiânico. É uma espécie de sinfonia que serve de prelúdio aos temas maiores do IV Evangelho (ob cit. Dicionário de Mariologia) P. 240.

24 op. cit, PP. 88-89.

25 Ibidem. P. 147.

26 Bruno, FORTE. op cit. P. 91.

o dinamismo do Espírito se dá de forma a iluminar Maria a perceber-se como uma comunidade servidora atenta aos sinais e à voz de Deus de Israel, irrompendo, agora, na humanidade através do seu Filho. "Fazei tudo o que Ele vos disser", é um apelo e uma convocação a obedecer à revelação divina. Ao sentir-se espaço dessa revelação, o humano torna-se recíproco, respondendo: "Tudo o que o Senhor disse nós o faremos" (Ex 19,8;24;3.7). O texto joanino apresenta Maria em sintonia com a história salvífica. Convidar os servos à obediência, é entrar na dinâmica do servo, é sentir-se chamado para o serviço da justiça: "Eu Iahweh, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modeleí, eu te pus como Aliança do povo, como luz das nações" (Is 42,6). Isto nos leva a acreditar que Maria, no peregrinar de sua fé, experimenta que o Deus de Jesus de Nazaré é o Deus de Israel.

Portanto, experimentando esse novo tempo, Maria atende na comunidade de servos a voz de Javé: "Atende-me, povo meu, dá-me ouvidos, gente minha. Porque de mim sairá uma lei, farei brilhar o meu direito como uma luz entre os povos" (Is 51,4).

Quando nos debruçamos sobre o fio condutor da história de Israel de um Deus-Pai que está acima do tempo e que gerou seu Filho que co-dividiu o Reino e sua eternidade e o

Espírito Santo que está no Pai e é glorificado no Filho, não há porque hesitar em afirmar que o sinal em Caná é um momento teofânico do Deus-Comunhão. Se o sinal no bannquete nupcial de Caná é manifestação trinitária de Deus e se Maria está ligada a este momento numa mediação entre o Filho e os servos, então podemos dizer que, como cooperadora, Maria é testemunha do dom do vinho novo do Reino, sinal da chegada do tempo prometido e da intervenção escatológica de Deus. O que nos permite afirmar que Maria é a Mulher Ícone do mistério trinitário de Deus manifestado no vinho novo da nova e eterna Aliança.

4. MARIA MULHER ÍCONE DO MISTÉRIO TRINITÁRIO E ÍCONE DA COMUNIDADE-IGREJA

O Evangelista Lucas apresenta, em ligação com o sinal de Caná, a cena da Mãe ao lado da cruz e as palavras dirigidas por Jesus a ela e ao discípulo que ele amava em mesmo valor simbólico. "Mulher, eis o teu Filho!" e ao discípulo: "Eis a tua Mãe" (Jo 19,25-27). O diálogo do Filho com a Mãe e com o discípulo sela, portanto, o cumprimento do "tudo", da obra a ele entregue pelo Pai (Jo 4,34). Percebendo a força teológica do texto, é possível contemplar a importância de Maria para a comunidade joanina. Novamente, Maria está representando o povo eleito da Antiga Aliança e o

novo povo de Deus, reunidos pelo sacrifício Pascal de Cristo. A seu lado está o discípulo amado. Isto nos leva a entender as palavras de Jesus: "Quem tem meus mandamentos e os observa é que me ama; e quem me ama será amado por meu Pai. Eu o amarei..." (Jo 14,21). Aqui o discípulo é aquele que, correspondendo ao amor, é objeto particular do amor do Pai e do Filho²⁶. E como corresponder ao amor do Pai e do Filho, senão no Espírito o qual, conforme a tradição posterior da Igreja, é o amor do Pai e do Filho?

Dessa forma, enquanto a mulher é figura do antigo Israel e o discípulo, da Igreja-crente, a mensagem que emerge é que o antigo Israel passa a ser parte de modo vital, do novo. Em diálogo polêmico com a Sinagoga, o evangelista pareceria dizer que a Igreja é o verdadeiro Israel, o novo povo de Deus... Aqui, Maria Mulher Ícone da Igreja-Mãe e Mãe da Igreja na figura do discípulo²⁷.

Certamente, aquela que está presente no mistério de Cristo como Mãe, torna-se presente no mistério da Igreja do seu Filho no dinamismo do Espírito Santo que antecipa o futuro de Deus para o nosso presen-

te e prolonga no tempo a ação salvífica de Cristo. Portanto, nossa relação com Maria "funda-se no mistério da geração do Filho e dos filhos no Filho"²⁸. Essa é a dialética divina em nossa vida. E, nesta dialética, encontramos Maria como a pessoa que une os dois momentos que marcam nossa história: o da encarnação e no Cenáculo de Jerusalém²⁹. "Maria está presente, portanto, no mistério da Igreja como modelo"³⁰. Assim, a presença de Maria na Igreja é expressão daquele e daquela que se permite animar pelo Espírito e dá seu sim ao projeto da Trindade. À luz dessa dinâmica, "os títulos de Mãe" e de "membro" da Igreja, atribuídos à Maria, não só não se excluem como também se integram, reciprocamente, na unidade do mistério: existe entre eles uma espécie de "pericórese", à semelhança existente entre as Pessoas divinas"³¹. Plasmada pelo dinamismo do Espírito, Maria vive a relacionalidade tanto com relação à Trindade, quanto com à Igreja. Neste relacionamento derivado da sua experiência trinitária de Deus, Maria é, na vida da Igreja, conforme afirmou o papa Paulo VI, "a Estrela da Evangelização

27 Ibidem. P. 92.

28 Ibidem. P. 198.

29 Papa João Paulo II. *Carta Encíclica Redemptoris Mater*. Vozes. Petrópolis. 2987. P. 45.

30 Ibidem. P. 81.

31 FORTE, B., op cit. P. 203.

sempre renovada que a Igreja, obediente ao mandato do Senhor, deve promover e realizar...³². Na Igreja, Maria é modelo sobretudo daquele culto que consiste em fazer a vontade de Deus, ou seja, ofertar a própria vida a Deus e desse modo, modelo de celebração litúrgica que sabe traduzir-se em compromissos de vida evangélica, típica do verdadeiro discípulo do Senhor. Maria se apresenta inter-relacionada com a história da salvação que se realiza "in mysterio" na liturgia da Igreja³³.

No *mysterio* da Igreja onde Maria é Ícone materno ela aparece como "sinal trinitário por ser pessoa nova, aquela que encetou no mundo, em forma plena, aberta, o caminho da fé para³⁴ mulheres e homens." A Salvação é um processo que se sucede entre seres humanos soprados e ungidos pelo Espírito de Deus cujo substrato antropológico, a partir deste sopro e desta unção, é modificado... O ser humano é pneumatificado, trabalhado pelo Espírito Santo... A primeira característica dessa pneumatificação é o fato de que o Espírito Santo provoca na pessoa humana um êxodo, uma saída de si... Dessa forma, o Espírito Santo está inserindo o homem e a mulher no próprio movi-

mento Kenótico do Deus-Trindade que vem em direção à humanidade para levar a cabo seu desígnio de salvação³⁵.

Maria, a mulher Ícone do mistério, viveu desde o início esta *pneumatificação* e, na mudança provocada em sua pessoa, sua carne deu corpo ao Verbo, gerando uma nova humanidade no Espírito. E Maria, *pneumatificada*, passou a compreender-se, não a partir de si, e sim, a partir da ação trinitária de Deus em sua vida. Na sua diferença de mulher fascinada e seduzida pelo mistério de amor e comunhão, compreende-se como Ícone da Trindade, Templo, habitação da *Ruah* de Deus. Fazer parte do movimento Kenótico da Trindade exige um contínuo viver no espaço do outro e admitir que o outro viva em seu próprio espaço. O estar no espaço do Outro exige uma contínua relação com o outro, e um mergulhar no mistério do outro e ao mesmo tempo permitir que o outro penetre em seu mistério.

Essa foi a experiência de Maria vivida no ato encarnatório e que continua na vida da Igreja. Aqui, Maria se apresenta como modelo para mulheres e homens que querem

compreender-se não mais a partir de si próprios³⁶, mas como Ícones do totalmente outro, do Deus-Trindade.

Mulheres e homens são pneumatificados em sua diferença; o que caracteriza cada um é o compreender-se para além de si mesmos, porém, numa missão inter-relacionada com a vida da criação, do cosmos, da Igreja e da sociedade.

Maria, aberta ao desconhecido, pneumatificada em seu ser feminino é identificada por sua maternidade que significa em sua vida, um verdadeiro arrancar-se de si mesma, de seus projetos, para um remeter-se contínuo ao projeto do outro. Daí que mulheres e homens que se espelham em Maria são convocados cada um a passar por uma Kénosis para chegar a compreender-se a partir do dinamismo pericorético da Trindade. Não nos compreendemos a partir de Maria, e sim, a partir daquela que faz Maria compreender-se: a Trindade Santa. Ser Ícone do mistério trinitário, mulheres e homens o são, à medida que se abrem, que realizam o êxodo de si mesmo para experimentar o fascínio do mistério numa síntese do universo, numa sinfonia eclesial na busca de uma so-

cidade para além da globalização de mercado, um desdobramento contínuo do ser, espaço da habitação Trinitária.

Compreendendo-se a partir da Trindade, Maria saiu de si mesma e deu espaço para o outro: o Filho de Deus em sua própria carne. No êxodo permanente de sua vida, tornou-se Mãe da Igreja, Ícone da Igreja Mãe, agente da "história, que é a história da Salvação"³⁷.

5. CONCLUSÃO

Concluindo nossa singela reflexão, queremos afirmar que nada do que se realizou em Maria aconteceu sem a ação do divino, ou seja, sem o dinamismo trinitário de Deus.

Maria, experimentando em sua vida a força recriadora do Espírito, sente-se animada, encorajada a dizer SIM e a sintetizar neste sim as esperanças messiânicas do seu povo-Israel. A maternidade de Maria, aquela que a identifica e a faz compreender-se a partir do outro, é modelo para nós, à medida que cedemos nosso espaço para que o outro habite. Seremos Ícones da Trindade, a exemplo de Maria, quan-

32 Papa Paulo VI. *Evangelii Nuntiandi*. Ed. Paulinas. São Paulo. 1976. P. 101.

33 Dicionário de Liturgia. Ed. Paulinas. São Paulo. 1992. PP. 1215-1234.

34 Dicionário de Mariologia, cf. ob. cit. P. 1262.

35 Maria, C, BINGEMER. in REB, Nº 56, 222 / Vozes. Petrópolis. 1996.

36 Estar no espaço do outro exige um revelar-se ao outro, é um expor-se, ao mesmo tempo que é uma exigência, que o outro também se exponha, se revele. Deus, na encarnação, habitou no Espaço humano e permitiu revelar-se, inter-relacionar-se no espaço humano. (cf. *Ibidem*. P. 358).

37 Lina, BOFF. *Espírito e missão na obra de Lucas e Atos*. Para uma teologia do Espírito. Ed. Paulinas. São Paulo. 1996. P.177.

do nos “debruçarmos” e nos “baixarmos” até os excluídos da história e acreditarmos na possibilidade da vida que irrompe mesmo onde não esperamos e quando não compreendemos. Seremos Ícones quando nos perguntarmos: como se fará isso? E acreditarmos que “isso” se fará no dinamismo do Espírito em nós, alterando nossos conceitos e nos remetendo ao mistério. Seremos Ícones da Trindade, quando olharmos para nosso espaço e não virmos possibilidade da vida gerar-se e mesmo assim, neste momento Kenótico, totalmente conduzidos pela verdade do outro, formos capazes de dizer SIM. “Faça-se em mim...” e nos deixarmos tocar pela graça plenificante da Trindade.

Seremos Ícones da Trindade quando superarmos uma linguagem dualista, mas, sobretudo, quando a nossa reciprocidade ultrapassar o discurso, e nossas palavras forem resultado de nossa prática.

Seremos Ícones da Trindade, quando mulher e homem decidirem juntos que o campo de guerra poderá ser o espaço do banquete da confraternização dos que buscam construir o Reino do Deus-Comunhão, ao sabor do vinho novo.

Ainda seremos Ícones, quando formos capazes de nos debruçarmos na madrugada da vida e dialogar

com a Trindade, e fazendo nossas as palavras que seguem: “Tua é a manhã que avança para a plenitude. Tu é o verão que desliza preguiçosamente para o outono. Tua é a eternidade que se introduz no tempo...”³⁸. Dessa forma, mulheres e homens, encontrarão em Maria modelo iluminativo que os conduz à construção de espaços na instauração de uma relação nova, geradora de novos relacionamentos.

Por fim, seremos Ícones da Trindade quando na noite da vida, formos capazes de sintetizar as esperanças acalantar os sonhos de uma nova sociedade embalada na sinfonia dos cosmos, celebrada no altar da nova criação, no júbilo das antigas e futuras gerações.

SIM, seremos, a exemplo de Maria Mulher Ícone do Mistério Trinitário, Ícone da Igreja-Mãe; espaços pneumatificados, abertos à Ação do Deus Uno e Trino.

A Irmã Maria Freire, ICM é Mestra em Teologia Dogmática com Concentração em Estudos Bíblicos e professora na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

End.: Rua Irmã Carolina, 288 - Belenzinho 03058-040 São Paulo - SP

MARIA E O ARQUÉTIPO DA GRANDE-DEUSA

UMA LEITURA NA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Luiza E. Tomita

INTRODUÇÃO

A grande devoção a Maria, na América Latina, mostra o fascínio que esta figura exerce no imaginário popular. A maioria dos grandes santuários de peregrinação no Brasil são dedicados a Maria, assim como é surpreendente a imensa quantidade de igrejas e capelas que levam seu nome: Nossa Senhora das Graças, da Conceição, das Dores, etc.

A figura de Maria tem se adaptado às culturas e povos evangelizados, assumindo feições próprias, como é o caso de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, Nossa Senhora de Guadalupe, no México, Nossa Senhora de Fátima, em Portugal, etc. Além disso, ela recebe uma imensa gama de títulos, desde os mais familiares até os mais formais e majestáticos, desde o simples “mãe de Deus”, ou a “Santa”, os carinhosos “nossa Mãe”, “mãezinha do Céu”, até os mais respeitosos “Nossa Senhora”, “Rainha dos Céus”, “Rainha dos Anjos” etc.

Esta surpreendente devoção a Maria na mística católica mostra como ela é querida pelo povo; levanta, também, algumas questões, visto que se diz, popularmente, que ela é tão reverenciada como uma deusa. O próprio título “Rainha dos Céus” a equipara, em importância,

ao Cristo. Talvez daí, a força que ganha a idéia de Maria como arquétipo da Grande-Deusa, segundo as teorias da psicologia profunda. Também a análise dos sincretismos, principalmente o importante sincretismo entre Maria e Iemanjá, ajudam a reforçar estas teorias.

Entretanto, as mulheres estão revelando que o culto a Maria, hoje, não se apresenta de forma totalmente tranqüila, visto que ela é apresentada sob faces diversas e até mesmo contraditórias: uma face de mãe: doce, terna, solícita; uma face de mulher: submissa, obediente, passiva, assim como uma face de mulher do povo, bíblica, profética, dinâmica, batalhadora e mesmo crítica das estruturas sociais e, por fim, uma face majestosa de rainha-deusa.

A emergência da mulher em todos os campos sociais tem colocado estas questões de forma muito forte e até mesmo os teólogos que estão escrevendo sobre Mariologia, hoje, estão se referindo à figura tradicional de mulher passiva e submissa, mostrando *o influxo negativo que a imagem de Maria teve na representação que a consciência coletiva de todas as épocas formou para si da mulher* (Forte, 1991: 25).

O problema é que, durante dois séculos, seu “sim” para Deus foi interpretado por uma teologia patriar-

38 cf. citação in Leonardo, BOFF. *Ecologia. Grito da terra, grito dos pobres*. Ática. São Paulo. 1995. P. 129.